

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Annuncios, cada linha, typo commum	20 réis
Communicados	60 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA

Quinta feira 6 de fevereiro de 1896

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros	600 "
Numero avulso	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros	15000 "

RESUMO

Associação dos Atiradores Civis Estrella: sessão solenne.— Atiradores Civis Madeirenses.— Atiradores Civis Pormenenses, por José Guimarães.— Sociedade de caçadores.— Carreira de tiro.— Um caçador... das duzias, por S. B.— Concurso de tiro nacional em França.— O tiro de pé.— A baleia.

ASSOCIAÇÃO

DOS

ATIRADORES CIVIS «ESTRELLA»

SESSÃO SOLEMNE

REALISOU SE na terça-feira, 4 do corrente, a sessão solenne d'esta Associação em honra dos expedicionarios.

Foi uma festa brilhantissima, a que presidiu o sr. conselheiro Pimentel Pinto, ministro e secretario d'Estado dos negocios da guerra, sendo secretarios os srs. coronel Galhardo, commandante das forças expedicionarias e José Martinho da Silva Guimarães, presidente da Assembleia geral da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.

A sessão foi extraordinariamente concorrida, vendo-se numerosas senhoras, muitos officiaes e muitos socios das Associações atiradores civis Estrella e Atiradores civis portuguezes, representantes da imprensa, etc.

As salas estavam ornamentadas com muito muito bom gosto, principalmente a sala das sessões.

Aberta a sessão logo em seguida á chegada do sr. ministro da guerra, usou da palavra o sr. dr. Cunha Belem, presidente da Assembleia geral da Associação dos Atiradores Civis Estrella, proferindo um discurso entusiasta. Lamentou não ser Camões ou Herculano para descrever o brilhante feito das nossas armas, dizendo que tão grande elle era que já não era preciso Napoleão elogiar o valor dos nossos soldados nem Victor Hugo pôr em relevo o merecimento dos nossos marinheiros, pois o que haviam conseguido bem provava quanto eram merecidos os elogios feitos.

Louvor o sr. ministro da guerra e todos quantos com elle cooperaram, não esquecendo o sr. conselheiro Ferreira d'Almeida, ex-ministro da marinha e ultramar, appellando para os poetas modernos, pois elles melhor do que ninguem poderiam cantar em estrophes sublimadas esta nova epopea dos varões luzitanos.

Teve palavras sentidas para os que perderam a vida em defesa da honra nacional e terminou fazendo votos para que todas as mulheres portuguezas incitassem os filhos a saber pegar em armas para defender o solo patrio. Levantou vivas ao exercito, á armada, aos expedi-

cionarios, ao sr. ministro da guerra, ás associações de tiro civil.

Fallou em seguida o sr. coronel Galhardo que em phrase singella agradeceu ao sr. dr. Cunha Belem as palavras que lhe haviam sido dirigidas e á todos os seus camaradas e companheiros na campanha sul-africana, dizendo que nada mais havia feito de que outro qualquer faria no seu logar e que se limitára apenas a cumprir o seu dever. Terminou levantando um viva á Associação dos Atiradores Civis Estrella.

As palavras do sr. coronel Galhardo foram cobertas por prolongada salva de palmas.

O sr. José Martinho da Silva Guimarães agradeceu o convite á Associação dos Atiradores Civis Portuguezes que alli representava, congratulando-se por ver presentes os valentes expedicionarios e ter occasião de os felicitar mais uma vez, e terminou lembrando de quanta vantagem e utilidade será cuidar attentamente do desenvolvimento das colonias e mostrando a utilidade das associações de tiro civil.

O sr. Almeida d'Eça, em nome da Sociedade de Geographia, agradeceu o convite feito a esta sociedade e encareceu o alto valor dos trabalhos geographicos e o merito da Sociedade de Geographia a quem se deve o nosso desenvolvimento colonial dos ultimos vinte annos e o pensar-se no futuro da nossa Africa, que o publico desconhecia na sua grande maioria.

Fallando no desenvolvimento da instrucção e na fortificação da raça, disse que eram estas as duas mais fortes e poderosas alavancas, o grande meio a empregar para salvar a patria e que como professor e como militar não podia deixar de encarecer a conveniencia do estudo das sciencias e a pratica das armas. Concluindo pedia ás esposas, ás mães e ás namoradas que preferissem aquelles que eram educados n'esta ordem de idéas, pois deveriam escolher maridos militares e na falta d'estes os que soubessem usar das armas em defeza da patria.

O sr. Abel Accacio d'Almeida Botelho, discursou com grande proficiencia, referindo-se á Suissa e ao Transvaal, os dois paizes que davam o exemplo na educação militar, onde cada homem valido era um soldado adextrado para a guerra, tão completa era alli a instrucção. Elogiou os serviços feitos pelo sr. ministro da guerra n'este sentido, bem como a sua protecção ás sociedades de tiro civil que seriam incontestavelmente valiosissimas n'um momento difficil.

Desenvolvendo as modernas theorias mostrou-se pouco affecto aos exercitos permanentes que a evolução natural faria certamente desaparecer substituindo-os pelo cidadão armado.

Ao terminar levantou vivas ao exercito, ás associações de tiro civil e ao sr. ministro da guerra.

O sr. Eduardo Nunes da Motta, por parte da direcção da Associação dos Atiradores Civis Estrella, fallou das nossas gloriosas tradições, elogiou a Sociedade de Geographia pelos seus trabalhos colonias e accrescentou que ao sr. ministro da guerra se devia parte importante do exito da c-mpanha que soubera organizar.

Mostrou que a s. ex.^a se devia o desenvolvimento das associações de tiro que estava sempre prompto a proteger e auxiliar, no que prestava um serviço de alto valor patriotico.

Concluiu levantando vivas á patria, ao exercito, á marinha e ao sr. ministro da guerra.

O sr. conselheiro Pimentel Pinto agradeceu as amabilidades que lhe haviam dirigido e evidenciou o valor e energia do nosso exercito, em que sempre fundára as suas melhores esperanças e que se alguma cousa havia feito era devido á boa vontade de todos os officiaes e ao bom conselho de El-Rei. Declarou que foi a Fé quem o animou a diligenciar que se fizesse justiça ao exercito e ás excepçoes qualidades do nosso soldado, e declinando as honras da iniciativa das expedições em Sua Magestade levantou um viva a El-Rei, ao exercito, á armada e aos expedicionarios.

Em seguida o sr. Thomaz Coelho recitou a poesia *Guião das Quinas* do sr. Alfredo da Cunha, redactor do *Diario de Noticias*.

Foi logo depois encerrada a sessão levantando-se entusiasticos vivas.

A poesia do sr. Alfredo da Cunha foi distribuida a muitas das pessoas presentes, impressa em um cartão illustrado e em troca do qual se recebia qualquer donativo em favor do cofre da Sociedade da Cruz Vermelha. Esta venda rendeu 117500 réis.

E' impossivel mencionar todas as pessoas que estavam presentes a esta solemnidade. As vastas salas da Associação dos Atiradores Civis Estrella, estavam litteralmente cheias. O que podemos dizer é que foi uma festa que deixará em todos gratissima e perduravel recordação.

A redacção do *Tiro Civil* com bastante magua faltou á festa para que fôra convidada. Foi absolutamente impossivel aos srs. Palermo de Faria e Anselmo de Sousa, assistirem á sessão; este porque não lho permitiu o serviço publico, aquelle por estar ha dias bastante incommodado. O que podemos afirmar é que a redacção do nosso semanario acompanha do coração todas as manifestações em honra dos nossos valentes expedicionarios e applaude sempre com jubilo todas as iniciativas da benemerita Associação dos Atiradores Civis Estrella.

ATIRADORES CIVIS MADEIRENSES

No domingo 26 de janeiro proximo passado ficou constituída no Funchal uma nova sociedade de atiradores civis, denominada *Associação dos Atiradores Civis Madeirenses*.

Ha pela nova sociedade grande entusiasmo e estão já inscriptos muitos socios.

Esta noticia, que devemos ao favor d'um dos nossos melhores amigos, ora residente no Funchal, causou-nos verdadeiro prazer, pois ha muito já que esperavamos a organização d'este novo centro de atiradores civis, cuja fundação haviamos annuciado.

Aos *Atiradores Civis Madeirenses* um viva entusiastico e um aperto de mão aos iniciadores da patriótica sociedade.

ASSOCIAÇÃO

DOS

ATIRADORES CIVIS PORTUENSES

Rejubilá o Porto por ter dentro dos seus muros os valentes expedicionarios d'Africa, que tão heroicamente combateram em Mocambique pelo prestigio do nome glorioso da Patria, tendo-se associado a todas as manifestações em sua honra a *Associação de Atiradores Civis Portuenses*.

No importante cortejo civico militar do dia 26 tomou parte um pelotão d'atiradores com os seus distinctivos e bandeira de seda branca com o escudo das quinas sobreposto na Cruz de Christo, o titulo da associação e a sua divisa — sempre pela Patria.

Pela disciplina e ar marcial com que se apresentaram e pelo fim altamente patriótico que tem em vista foram muito saudados pela multidão com palmas e vivas. As damas, das janellas agitando os lenços e cobrindo a bandeira com uma constante chuva de flôres.

A classe academica em numero superior a 3:000 estudantes com as suas bandeiras e tunas, que estavam postados na rua Bomfim para saudar os expedicionarios, fizeram uma cordealissima e espontanea ovação aos *Atiradores Civis*.

No quartel d'infanteria 18, ao campo de Santo Ovidio onde se alojaram os expedicionarios foram a municipalidade, corporações, commerciantes, Atiradores, Gymnasio-Club e officina de S. José as unicas corporações civis a quem permitiram a entrada na parada do quartel, assistindo ao desfile do corpo expedicionario, erguendo-se freneticos vivas á Patria, exercito, marinha, Galhardo, Machado, Mousinho, ministro da guerra, expedicionarios, etc. Na occasião em que passava o glorioso guião de caçadores 3 foi a bandeira dos Atiradores enlaçada n'elle trocando-se delirantes aclamações, sendo o alferes Mendonça e outros militares levados em triumpho por officiaes e civis. Em seguida a direcção foi cumprimentar os bravos coronel Galhardo e tenente-coronel Machado que agradeceram dizendo que os Atiradores Civis muito podiam contribuir para a vitalidade da raça portugueza; pelo exercicio physico e pelo manejo das armas podiam ser um dia muito uteis á Patria. Novos vivas atroaram os ares, sendo pelo sr. coronel Galhardo erguido um á *Associação dos Atiradores Civis Portuenses*. No dia seguinte 27, compareceram na missa cam-

pal. Em toda a parte onde compareceram foram sempre muito saudados, nos cafés, theatros, etc.

A séde da Associação no palacete da Viação a S. Lazaro, cuja immensa sala d'armas está artisticamente ornamentada, tem sido muito visitada por corporações recreativas, musicas, de soccorros, etc., e algumas bandas de musica. Durante os dias de festa a fachada embandeirou, illuminando á noite.

Porto — janeiro, 1896.

José Guimarães.

SOCIEDADE DE CAÇADORES

CHEGA-NOS a noticia de se haver organizado uma nova aggreiação com o titulo de *Sociedade dos Caçadores de Villa Viçosa*, tendo a sua séde n'esta villa.

Felicitamos os iniciadores d'esta bella idéa e desejamos á nova associação muitas prosperidades.

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 2 do corrente, dispararam-se 860 tiros com a arma de guerra.

A disposição dos alvos era a mesma da sessão passada.

El-Rei sempre um entusiasta pelo tiro, esteve na *Carreira*.

O sr. Luiz Arêde Corrêa Saraiva, no alvo *Gungunhana, figura de joelhos a 200m*, em 10 tiros empregou 9.

O sr. Gil Portocarrero no alvo a 400m, 13 acertados em 20; no alvo a 300m, 17 acertados em 20.

O sr. João de Moraes Carvella, no alvo a 200m, 8 acertados em 10; no alvo a 300m, 19 acertados em 20 e no alvo a 400m, 7 acertados em 10.

O sr. João Ivens Ferraz, no alvo a 200m, 7 acertados em 10, tiro deitado; 8 acertados em 10, tiro de joelhos e 5 acertados em 10, tiro de pé.

UM CAÇADOR... DAS DUZIAS

Lá vem o sr. Ambrosio, gritava o rapazio. Vem macambuzio.

— E traz cara de réo com fumos de juiz, accrescentava uma velhota que estava sentada á porta em acção de remendar umas calças.

— Eu não sei para que vae á caça aquelle homem, disse uma visinha que ensaboava uma porção de roupa n'uma dorna.

— Isso lá é que é a pura verdade, sr.^a Gertrudes. Mas sempre assim o conheci. Emquanto se pôde caçar elle lá vae todos os dias e gasta pólvora com fartura. Allí o visinho do estanco diz que é elle o melhor freguez.

— Ora, tambem não tem filhos e se ha de gastar o dinheiro n'outra cousa...

— Para ahí é que eu não vou, era melhor que o desse de esmolla aos pobres.

— Olha lá que idéa, sr.^a Francisca; é um sovina.

O sr. Ambrosio era um proprietario das proximidades de Avintes, que vivia dos seus rendimentos e passava a vida mais folgada d'este mundo.

Era alto, magro, secco, rijo como ferro, capaz de andar dias e dias sem se cançar e sempre de espingarda ao hombro e bolsa de caça ao lado e ainda mais um cinto em que nunca levava menos d'uns cincoenta cartuchos.

Era conhecido em dez legoas ao redor por toda a gente e a fama de caçador...

que não cacava cousa alguma, tinha já chegado até ao Porto, onde lhe faziam grandes caçadas no Club de que fazia parte e cuja quota pagava com toda a pontualidade.

Era assignante de todos os jornaes illustrados especialmente dedicados á caça e quando fallava, parecia ter feito as maiores proesas.

Em tal dia tinha morto uma duzia de perdizes com meia duzia de tiros, d'outra vez com uma só chumbada derrubára tres codornizes e não era raro para elle um *doublé* ás lebres.

A verdade era que ninguem lograra vêr o resultado dos tiros disparados pelo sr. Ambrosio e quando alguém lhe perguntava pela caça do dia, quando pacata e serenamente voltava a casa, respondia sempre que a pobreza era muita pelos montes e vales e que caçava para ter occasião de matar a fome aos pobres camponeses, que não comiam carne senão por acaso.

A sr.^a Ambrosio já por mais d'uma vez accusára o marido d'aquella mania de dar as perdizes e as lebres que matava e as turras tinham até ameaçado por vezes transformar-se em vias de facto, pois não era para graças a cara metade do magro e ossudo caçador.

Na tarde de que fallamos e em que o rapazio andava desaforado, o sr. Ambrosio foi recebido com grande galhofa pela garotada da terra e um d'elles mais atrevido exclamou na occasião em que passava junto das duas visinhas que murmuravam do proprietario:

— Oh! sr. Ambrosio traz perdiz?

— Oh! sr. Ambrosio traz lebre? disse outro.

— Oh! sr. Ambrosio traz perdiz e lebre? gritou o terceiro.

— Trago o grande diabo que os leve, sucia de vadios. Safa d'aqui para fóra.

E ameaçava os rapazes com a coronha da espingarda.

Não ha nada para excitar o rapazio como uma ameaça, que não é seguida de execução immediata.

A assoada cresceu e em breve quasi degenerou em motim.

O sr. Ambrosio teve que apressar o passo e entrou em casa ao som de apupos e assobios.

No patamar da casa esperava-o a sr.^a Ambrosio, furiosa, rubra, ameaçadora.

— Aqui está o que tu fazes com a mania! Os rapazes hão de acabar por te correr á pedrada e tomára eu que chegasse esse dia.

— Tinhas então grande prazer em me vêr com a cabeça partida?

— Pois tinha, é verdade que tinha. Olha, sabes que mais, estou convencida que nunca na tua vida mataste cousa alguma.

— Ora essa! exclamou o sr. Ambrosio com uns ares. Duvidas da minha pericia? Pois fazes mal, vae ao Porto, ao Club e pergunta, todos te dirão...

— Que és um tollo... e um mentiroso.

— Mulher, mulher, tem conta com a lingua... olha que a paciencia tem limites.

— Tem, tem e não sei o que me impede de te encher a cara de bofetadas.

— Atreve-te e verás o que te succede.

— Olha, Ambrosio, dou-te a minha palavra que mais tarde ou mais cedo lá chegaremos. Se não perdes a mania de dar a caça que matas, declaro que não me encontrarás disposta a soffrer-te.

— Pois bem, amanhã verás de que sou capaz, hei de trazer-te uma lebre, tão

grande como a que matei hoje, ou talvez maior.

A sr.^a Ambrosio soltou uma sonora gargalhada e voltou as costas ao caro esposo, que ficou um tanto amuado.

Apresentou-se o dia seguinte um pouco nublado, mas logo ao amanhecer, o nosso homem estava a pé e de espingarda ao hombro lá ia correr montes e valles e disposto a andar tanto quanto fosse preciso para encontrar uma lebre, pois a esposa não tornára a dirigir-lhe uma palavra e parecia disposta á execução da ameaça que tão nitida e claramente formulára na vespera ao entardecer.

Eram mais de quatro horas da tarde e o heroe d'esta verídica historia, pois é realmente verdadeira, começava a perder as esperanças de encontrar a almejada lebre, ou se quer ao menos uma perdiz que o livrasse dos apuros em que se via.

Sentára-se pensativo á beira d'uma estrada carreteira e limpava o suor que lhe escorria em grossas bagas da fronte que os cabelos começavam a abandonar, sem encontrar solução para o problema e convencido que a camisa em que se metteria tinha não onze, mas vinte e duas varas pelo menos.

De repente soltou um grito.

Ao longe, na estrada, vinha um campónio trazendo pendurada da ponta de um cajado uma lebre magnífica.

Ambrosio sentiu as faces subitamente aquecidas pelo rubor da alegria e o coração palpar-lhe com violencia.

Estava salvo.

A lebre que se approximava firmaria a sua reputação de caçador, compral-a-ia, fosse por que preço fosse.

Levantou-se e dirigiu-se para o aldeão que avançava tranquillamente e ainda de longe gritou-lhe:

— Oh! tiosinho, quanto vale essa lebre?

Não respondeu logo o portador da lebre e foi examinando o sr. Ambrosio com olhar que bem provava ter comprehendido perfeitamente a intenção da pergunta.

— Então, tiosinho, quanto vale a lebre?

— Pouco dinheiro, senhor. Em me dando por ella tres quartinhos é sua.

— Tres quartinhos por uma lebre, a modo que é carôcha.

— Olhe que está viva, senhor.

— Viva? Oh! diabo. Eu antes a queria já chumbada.

— Olha que dificuldade. Pregue-lhe um tiro.

— Sim, isso póde ser, mas os tres quartinhos...

— Pois é pegar ou largar. Não lh'a largo por menos nada.

Ambrosio resignou-se e deu ao homem os tres mil e seis centos, convencido que estava roubado, mas certo ao mesmo tempo de que bem mais caro pagaria o triumpho que seria irresistível.

Afastou-se o camponez e o sr. Ambrosio tornou a sentar-se n'uma pedra com a lebre estendida aos pés, pois tinha as pernas solidamente amarradas por uma corda.

Final resolveu-se e pegando no pobre animal foi encostal-o a uma arvore e afastando-se uma meia duzia de passos, metteu a espingarda á cara e... catrapuz.

Um grito dilacerante, um grito impossível de descrever, se soltou do peito do desventurado.

O chumbo embalado tinha cortado a corda e a lebre ligeiramente ferida desapareceu n'um momento.

Então o desgraçado sentiu a alma despedaçada, pela vista passaram-lhe as mais aterradoras visões e era alta noite quando entrou em casa, sem lebre, sem nada.

A historia não conta se a sr.^a Ambrosio cumpriu á risca a promessa feita, o que é certo é que o sr. Ambrosio nunca mais voltou á caça.

S. B.

CONCURSO DE TIRO NACIONAL EM FRANÇA

A QUESTÃO da organização d'um concurso de tiro em Vincennes, em 1896, tinha sido resolvida negativamente pelo facto do parlamento recusar o subsidio considerado como indispensavel para este certamen a quantia de 50.000 francos.

Apesar d'isto, o *Comité de l'Union National des Sociétés de Tir* e o comité de organização do 5.º concurso de tiro nacional, julgam que é necessario organizar a todo o custo o concurso em 1896, decidindo estudar todas as reduções possiveis nas despesas, para compensar, até certo ponto, o subsidio de 50.000 francos recusado pela camara.

Resolveu-se pois n'esta ordem de idéas, que o concurso se realisasse em Versailles e não em Vincennes, por custarem menos as installações, e sendo as responsabilidades a incorrer, por accidentes, menores, na primeira d'estas localidades do que na segunda.

Em vista da auctorisación dada pelo governador de Paris, o concurso será no campo de Satary (perto de Versailles) de 6 a 22 de junho.

O presidente da Republica acceptou a presidencia de honra do concurso.

O TIRO DE PÉ

Nos ultimos numero do excellente semanario *Gazette des Carabiniers Suisses*, orgão central da Sociedade suíça dos Carabineiros, tem-se discutido muito este assumpto do tiro de pé, e, por nos parecer interessante dar d'esta discussão uma idéa geral, publicamos hoje o que a tal respeito vem em o numero de 1 de fevereiro corrente. E' o seguinte:

«A questão do tiro de pé introduzida novamente em as nossas columnas por uma correspondencia de Mr. K. K. parece ter despertado do seu turpor alguns dos partidarios d'esta posição.

«Mr. A. R. um dos nossos melhores atiradores, um d'aquelles que ainda lutam com algum exito contra os atiradores de joelhos, quebrou uma lança em seu favor na parte allemã do nosso ultimo numero e outros correspondentes se lhe reuniram; poderia, pois, acreditar-se que este assumpto interessa vivamente o mundo dos atiradores e que muitos d'elles apoiariam o movimento e apoial-o-iam sobretudo, praticando o tiro n'esta posição se a occasião se lhes apresentasse.

«Devemos confessar que estamos desgraçadamente convencidos que não é assim e que na massa dos atiradores importam-se mediocremente com o tiro de pé; sem duvida lamentam um pouco vér todos os dias rrear a pequena phalange dos atiradores que praticam ainda o tiro n'esta posição e capazes de repre-

sentarem dignamente os atiradores antigos nos concursos francezes ou allemães.

«Liga-se a este facto importancia consideravel? Não o acreditamos. Muitos que, como nós, lamentam em principio que a posição de pé esteja tão completamente abandonada na Suissa, notam por outro lado que nos paizes onde ella é unicamente tolerada para as armas d'amadores, estas ultimas tendem todos os dias a ser supplantadas pelas armas da ordenança com as quaes é permitido atirar de joelhos e sobretudo deitado.

«Estamos pouco ao corrente, por experiencia pessoal, do que se passa na Allemanha em materia de tiro; as informações que nos tem podido dar alguns amigos limitam-se a dizer que ficou o apanagio da aristocracia e das pessoas ricas; o povo, o *vulgum pecus*, não toma senão fraca, muito fraca parte. Acontecia o mesmo em França antes de se introduzir a posição deitado; desde que esta posição foi admittida nas carreiras ao mesmo tempo que a arma de ordenança, esta não cessou de predominar sobre a arma de amadores, que está agora muito abandonada; em compensação o numero de atiradores que frequentam as carreiras tem augmentado sensivelmente e os atiradores pouco felizes, ousam assim affrontar a lucta o que não succedia no caso precedente.

«Tiramos d'estes factos a conclusão que tornando o tiro mais facil, permitindo posições que não necessitam aprendizagem longa e portanto dispendiosa, se facilita a vulgarisação, se popularisa mais, o que afinal não é preciso grande perspicacia para vér.

«O que distingue a França de nós, é que soubemos adoptar uma posição intermedia: a de joelhos, que faz de certo o intermedio sob o ponto de vista da difficuldade entre a de deitado e a de pé tendo além d'isso a vantagem sobre a primeira de permitir a numerosos atiradores succederem-se sem perda de tempo e não exigir installações complicadas.

«E', graças a estes factores, que o tiro de joelhos tem tomado entre nós, em pouco tempo, tal extensão que os atiradores de *sport*, assim como os atiradores militares se servem quasi exclusivamente d'esta posição.

«Pensam com medidas como as que nos propõem poder reunir numero respeitavel de atiradores a praticar novamente o tiro de pé?

«Não o acreditamos, a não ser que se dê aos alvos que se propõem a organizar grande vantagem sobre os outros. Adquirimos esta convicção precisamente examinando os resultados dos tiros dados pela *Société de l'Arquebuse et de la Navigation* em Genebra, citados por exemplo por Mr. A. R.

«E' certamente uma honra para ella, ter sido esta sociedade uma das ultimas a juntar-se ao movimento que impellia os atiradores de *sport* a tomar a posição de joelhos; não vae ainda longe o tempo, em que se via ainda em os nossos tiros federaes e cantonaes numero importante de atiradores preservar no tiro de pé, em que a maior parte d'estes usavam as insignias d'esta sociedade.

«Foi bem contra vontade que muitos d'elles se resignaram a curvar não a cabeça mas a perna; o sentimento da sua inferioridade se insissem na antiga posição, o sentimento da necessidade para a sua sociedade de marchar com as idéas e as praticas novas, os forçou como a

muitos outros atiradores e sociedades do resto da Suíça.

«Quizeram no entanto conservar certas vantagens, sob a forma de alvos reservados aos atiradores de pé, áquelles que se servem ainda d'esta posição pensando animar assim os novos a experimentar.

«No tiro de inauguração da carreira de Saint Georges foi-se até mais longe e egualaram-se em um dos alvos Inauguração os atiradores de pé servindo-se da Martini aos atiradores que se serviam da arma da ordenança, o cartão era para elles de 28 centímetros, tendo só 24 para atiradores com a Martini, de joelhos.

«Julgam que levaram alguns dos novos a atirar de pé? De modo algum e esta posição não foi mais usada n'este alvo do que nos outros. Nestas condições, a causa parece-nos clara; repetimos, estamos, em principio, de accordo com os partidarios do tiro de pé, mas reconhecemos que a corrente que nos levou a adoptar o tiro de joelhos é tão forte, que as origens que a alimentam são tão abundantes, que é inutil fazer vãos esforços para a vencer; ao principio talvez se podesse dominar não admitindo senão as armas da ordenança em beneficio da posição de joelhos; não se fez e agora é muito tarde para voltar a traz.

«Se é possível pertence á Sociedade Suíça dos Carabineiros dar o exemplo; é preciso tambem que os partidarios d'uma mudança estejam de accordo entre si e façam propostas perfeitamente definidas; não vemos porque, na falta de outra concessão mais importante não pediriam que, na posição de pé, se podesse atirar com qualquer arma e qualquer cartucho.

«A adopção por uma assembléa de delegados d'uma tal proposta, seria um ponto de partida para nova campanha; permitiria aos nossos melhores atiradores armar-se muito melhor do que podem fazer nas condições actuaes, pois acreditamos, com effeito, que a questão do cartucho e do armamento influuiu muito no mau resultado dos nossos representantes no tiro de Mayence.

A BALEIA

(Continuado do n.º 48)

As baleias passam a vida na agua, quer em cima d'ella, quer no interior, de dia e de noite, quando o tempo está bom ou mau, em todas as estações. Por isso, dizem, que não dorme nunca. Se a baleia dorme, o que é certo, estes movimentos alternativos far-se-hão durante o somno, sendo necessários á respiração, e então devem ser authomaticos, como os movimentos respiratorios.

Quando a baleia respira, o ruido da respiração ouve-se a algumas centenas de metros unicamente, se está socegada; quando está agitada pelo medo ou colera, o ruido da respiração ouve-se a muitos kilometros.

O sopro não é formado por agua simples; compõe-se de ar quente que sae do peito, uma certa quantidade de vapor d'agua misturada a esse ar e particulas gorJurosas. Assim, n'uma temperatura pouco elevada, com mar socegado, e especialmente quando o sol está perto do zenith, o sopro é invisivel. Quando o vapor d'este sopro está dissimulado no ar, dissolve-se, tudo desaparece; caem apenas algumas gottas de materia gorda.

Estas gottas espalhadas sobre a agua e juntas ás exhalações da pelle, deixam sobre a superficie do mar longos rastos de manchas oleosas, que indicam a passagem do cetaceo.

Qual é a rapidez da marcha quando a baleia viaja? Lacépède, pretende que percorre 660 metros por minuto; andaria mais depressa que os ventos alizados. Se fosse duas vezes mais rapida, excederia os ventos mais impetuosos; trinta vezes mais rapida, transporia o espaço tão depressa como o som.

Partindo d'esta hypothese, Lacépède faz um curioso calculo. Suppondo que doze horas de descanso por dia chegam á baleia, bastariam apenas quarenta e sete dias para que dêsse a volta ao globo, seguindo o Equador, e vinte e quatro dias para ir d'um polo ao outro, ao longo d'um meridiano. Os calculos do illustre naturalista francez, tem por base a velocidade um pouco exaggerada do animal.

Para entreter a vida no conjuncto immenso do organismo da baleia, para chegar ao seu movimento continuo, para conservar a respiração que anima estes seres extraordinarios, que quantidade de alimentos, que sustento particular são necessarios?

Esta alimentação compõe-se de pequenos seres. Segundo Lacépède, a baleia sustenta-se principalmente de molluscos e caranguejos. O numero d'estes animaes engulidos pelo cetaceo compensa a sua pouca substancia.

Segundo o dr. Thiercelin, nos logares de pesca, na primavera e sobretudo no verão, o mar está em certos espaços, corado de escuro, coloração devida a pequenos crustacios que tem a forma da lagosta, mas cujo maior diametro não excede dois millimetros. Estes crustaceos constituem bancos de materia animal, a que os baleeiros chamam *boëte* e que tem dez, quinze ou vinte leguas de comprimento, por algumas leguas de largura, e tres ou quatro metros de espessura.

A baleia anda n'estes bancos e pasta por assim dizer, n'este immenso prado, fazendo os seguintes movimentos: baixa a maxilla inferior, estende bem a lingua sobre a base do maxillar inferior e avança lentamente pelo meio dos infinitamente pequenos que se dispõe a engulir. A bocca apresenta então uma abertura anterior, de forma irregularmente triangular, com seis ou sete metros de capacidade.

A medida que a baleia avança, a agua que atravessa — que lhe entra na bocca escapa-se lateralmente pelos intervallos que separam as barbas e cola-se-lhe ao paladar. Quando tem percorrido um espaço de quarenta a cinquenta metros, demora o andamento, levanta o maxillar inferior, applica os labios sobre as barbas e incha a lingua de modo que occupe toda a capacidade da bocca fechada. A agua escapa-se pelos intersticios das barbas, a ponta da lingua apanha, com um movimento de rotação, todos os animalculos presos nas barbas interiores reune-os em bolo alimentar e leva-os á entrada da pharynge onde se executa o movimento de deglutição que faz descer o bolo ao oesophago e d'alli para o estomago. Feito isto, a baleia baixa novamente a maxilla e recomeça a sua facil pesca. Parece-nos difficil acreditar que a baleia não coma senão estes pequenos crustaceos. Porque rejeitaria as medusas, os molluscos e até alguns peixes?

Mas a baleia não se limita a mover-se, a passeiar, a viajar, a comer para conservar o seu immenso organismo.

Sente tambem a necessidade de prepetuar a especie.

No começo da primavera, encontram-se machos isolados, que vão em procura das femeas. D'alli a pouco encontram-se grupos de seis a oito baleias, raras vezes mais.

A' proporção que a intimidade se estabelece entre um macho e uma feméa, o par isola-se do pequeno bando, e os esposos vão, ao lado um do outro, fazer a sua viagem de nupcias. Viajam, brincam, pescam juntos. Dão então saltos enormes, dão muitas voltas sobre si mesmo e a agua do mar eleva-se, agita-se e redomoinha ao redor d'elles a enormes distancias.

Os machos vão escolher enseadas maritimas onde as femeas tem os filhos e depois de terem examinado os logares voltam. As femeas chegam em seguida e installam-se n'uma bahia bem abrigada, sobre um fundo d'areia. Dão á luz no outomno.

Apenas nascido, o baleote gira e nada ao redor da mãe. Esta deita-se de lado, para lhe dar de mamar, de modo que a teta fique ao lume d'agua. Depois de muitas tentativas inuteis, o filho mete o peito na bocca, que ainda não tem barbas e com a lingua já muito desenvolvida chupa o leite materno.

Que ama e que creança! Quantos litros de leite absorve de cada vez?

Passadas seis semanas ou dois mezes, as barbas tem crescido e pôde alimentar se por si no seio da grande mãe, o oceano. A mãe tem pelo filho amor ardente, excessivo. Trata d'elle, guia-o, defende-o, sacrifica a vida para o salvar.

Quando um pescador se approxima d'uma baleia e seu filho, começa por atacar o baleote que é mais fraco, menos agil e menos experiente.

Mas a mãe colloca-se entre elle e o aggressor. Empurra o filho com as barbatanas e corpo para precipitar a sua fuga. Se apesar d'isto, não poder andar bastante depressa para evitar o perigo, passa-lhe uma das barbatanas ao ventre e tendo-o assim unido a si, foge com elle.

A baleia consegue algumas vezes salvar o filho, mas a sua vigilancia e actividade são muitas vezes inutilizadas pelas terriveis armas do homem. Manifesta então a sua dôr pela vivacidade e irregularidade dos movimentos. Não desiste de o salvar. Esquecendo a propria salvação, esforça-se por agarral-o com o risco de se perder a si propria e recebe o golpe mortal por não abandonar aquelle que inutilmente defendia.

E' n'esta phase da sua vida que a baleia mostra coragem e resiste aos seus inimigos. Quando não é mãe é extremamente tímida.

O macho mostra grande dedicação pela feméa. Quando ella é atacada faz mil esforços para a salvar. Passa e torna a passar ao redor d'ella, tenta desembarçal-a da arma que a feriu, e se não attaca os seus aggressores não abandona a companheira e muitas vezes morre com ella, victima da sua dedicação.

O gigante dos mares tem outros inimigos além do homem; o mais perigoso, o mais cruel depois d'elle, é o *golphinho gladiador*.

(Contmúa).

Editor responsavel—MANUEL AUGUSTO PINTO

Typ. do Commercio de Portugal, 35, R. Ivens, 41